CONHECIMENTOS UTEIS.

FIAT LUX.

1631 Diziamos ha oito dias no artigo 1606, — que nos consolassemos do malógro do gaz lucífero com a esperança de ver ainda inventada alguma illuminação preferivel por esplendor e preço a todas as outras conhecidas. Esta esperança fundávamol-a nós em muitas tentativas analogas, feitas em diversas partes por sabios incançaveis e mais ou menos bem succedidas, e no desinvolvimento que vão tendo de dia para dia as sciencias naturaes.

No artigo * 186 referimos, o que os periodicos belgas nos diziam de haver um cervejeiro de Bruges inventado um líquido, que fazia as vezes de azeite, para lâmpadas, lustres, e lampiões, com o qual com uma centesima parte da despeza do azeite se podiam allumiar melhor do que d'antes as casas, theatros, ruas e praças; e que uma pedíra elle á cidade para n'ella fazer a sua demonstração experimental. Ignoramos porém o que d'ahi surdiu.

No artigo * 143 fallámos sob informe, que nos davam jornaes allemães, de um professor de *Hall*, chamado *Meineke*, que apóz longo estudo e trabalho chegára a effeituar uma illuminação eléctrica e permanente, com a qual já no seu quarto se allumiava, e com que esperava poderem vir a allumiar-se até as cidades. Tambem essa idéa nos ficou por ahi, que por mais que espreitassemos, não tornámos a enxergar pelas folhas scientificas vislumbre algum de tal luzerna. — Agora porém em jornaes francezes achamos que — «incessantemente se vae fazer em Paris experiencia de uma illuminação nova por meio de uma pilha voltáica de recente invenção; e da sua claridade se annuncia já, que excede dez vezes á do gaz.»

Se ainda esta tentativa não for ávante alguma outra similhante virá mais afortunada. O galvanismo e a electricidade são indubitavelmente grandes agentes da natureza, que já se começam a conhecer, mas de que ainda se não tiram todos os proveitos que elles sem duvida podem dar. — O raio está já vencido e prisioneiro da sciencia; falta ainda obrigal-o como escravo, a allumiar-nos dentro nos povoados, e a transportarnos com sua força e rapidez assombrosa sobre os tres elementos seus irmãos, tambem já em parte triumphados: — tardará, mas tudo annuncia que ha-de vir esse grande tempo.

MEDICINA MELODIOSA.

1632 Vamos registar um facto, que podendo conter grande proveito para muitos leitores, servirá ao mesmo tempo de intertecer um bem-me-quer novo no panigírico da musica.

Raras pessoas desconhecerão por experiencia propria a dor dos dentes, a sua intensidade, muitas vezes desesperadora, que obrigava a dizer certa dama — «antes filhos, do que dentes» — e sobre tudo o caprichoso da sua natureza, que faz, com que o mesmo remedio não produza duas vezes a fio o mesmo beneficio. Por isso tambem não ha molestia cujo tractamento seja mais variado. A odontechnia, ou arte de acudir aos dentes, se compõe de volumes de receituario, que poderiam ser ainda augmentados se n'elles se encorporassem todos os lenitivos, que a desesperação, a extravagancia ou o acaso faz todos os dias descobrir.

Pessoa de credito, e muito credito, nos affirma, ter muitas vezes experimentado em si e em outros a efficacia da musica para as dores de dentes.

¡¿ Da musica !?

De menos ainda do que ella; — de um simples instrumento musico, applicado á parte atormentada. — Lança-se mão de uma viola, guitarra ou de qualquer instrumento similhante; mette-se o braço d'elle na bocca, e dedilham-se as cordas, por modo que a vibração da madeira se communique á parte afflicta. — Passados alguns segundos, a dor, verdadeiro diabo similhante ao que avexava a alma de Saúl, e que não podia resistir a harpa de David, desapparece.

D'aqui por diante já poderá deixar de ser insulto para os boticarios aquelle dixóte, com que os gaiatos, ha tempos immemoriaes, os causticam.

¿Tem violas?

— Tenho.

— Pois toque-me um lundú.

Era um *calembourg*, ou por fallarmos portuguez de F. Luiz de Souza, e de Jorge Ferreira de Vasconcellos, uma derivação, e não das mais saborosas; — agora já as violas e os lundús se poderão pedir em verdade nas boticas para remedio.

ASPHALTO.

1633 Seria já hoje tediosa pedanteria demonstrar as vantagens do asphalto para pavimentos, paredes, terrados, passeios, reservatorios de agua e mil outros usos. Todos as teem ouvido, todos as teem visto e experimentado.

Duas companhias existem em Lisboa para estas obras — uma franceza de asphalto de Seyssel, outra de asphalto portuguez. — Não é este o caso de se recommendar a preferencia do portuguez só porque o é: — a palma deve ser dada, sem attenção a naturalidade, a quem servir melhor e mais barato. Nos papeis publicos temos visto a questão, que se agita entre as duas sociedades: — e pelo allegado e provado intendemos que a do asphalto portuguez, com ser a provocada, é a que merece e ha-de conseguir toda a victoria. 1.°, porque as suas obras sobrepujam na perfeição e dura ás da sua rival: 2.°, porque sendo taes saem trinta ou quarenta por cento mais baratas; os seus preços são os seguintes: pela cobertura de terrados, passeios, celleiros, lojas 1000 réis por cada vara quadrada sendo obras de 50 varas para cima, de tanques o chão 1000 réis, paredes 1200 réis; cavalheriças 1200 réis. A lenha e transporte de materiaes é por conta de quem manda fazer a obra.

Recommendamos aos donos de casas e especialmente aos que as houverem de edificar, releam o nosso artigo 1471, e ponderem maduramente nas conveniencias economicas e sanitarias que tal uso lhes offerece: recommendamos sobre tudo á Camara Municipal e lhe pedimos, e em nome do publico interesse a obsecramos, que defira com bom e prompto despacho ao requerimento, que n'esse mesmo artigo respeitosament lhe fizemos, e que a opinião geral — podemos dizel-o sem vaidade — assignou unanime comnosco. Os passeios ou banquetas das ruas são uma verdadeira necessidade; e a Camara sem dispendio de um real a póde satisfazer: — não haverá queixumes, — não haverá razão para elles: — todos n'isso lucram mais do que despendem, e de crer é que adoptado pela Camara o nosso

alvitre a sociedade do asphalto não hesitará em abaixar ainda o que for possivel nos seus preços; já porque será esse um serviço nacional, já tambem porque em tão vasta obra com pequenos lucros parciaes ajunctará avultadissimo cabedal.

NAVEGAÇÃO DO TÉJO.

1634 Concordam todos os economistas illustrados, em que, a despeito de reaes ou apparentes prejuizos locaes e temporarios, que da maior facilidade de communicações possam provir, as communicações de cada povo entre si, e de cada povo com todos os outros, são para todas as partes uma origem de prosperidades. Isto que dizem os economistas, confirma-o tambem por sua parte a razão philosophica; e por demais seria hoje — hoje — quando tudo em todo o mundo anda em permutação mútua, crescente e indefinida procurar pôr entre terra e terra sébes e bardos como entre fazendas ou rebanhos de diversos donos.

Boa nova é portanto a que vem em jornaes madrilenos — de haver uma companhia ingleza feito propostas ao governo castelhano, para tornar o Téjo entre Madrid e Lisboa expedito e navegavel. A companhia quer por paga os mesmos benificios, que por egual serviço offerecia a outra o governo de Castella em 1829.

INDUSTRIA MINEIRA.

1635 O decreto de 4 d'abril de 1709 determina que se não proceda por dividas contra Manuel da Cruz Sanctiago sem primeiro se fazer presente a elrei; tendo o mesmo vindo trazer do Rio de Janeiro as amostras da nova mina de oiro do Rio das Mortes, e descoberto por ordem d'elrei na *Comarca de Thomar e margem do Zêzere, minas de oiro, chumbo, gêsso, artingraxa, espelhém, bolo arménio e outros mineraes.*

BREVE MEMORIA SOBRE A ARRECADAÇÃO DA FAZENDA PUBLICA.

(Vem de pag. 394.)

4.ª Parte.

Analyse das disposições do n.º 4.º do art. 18 da carta de lei de 29 d'octubro de 184.

1636 Estabelecendo as bases do novissimo codigo administrativo no que foi decretado em 18 de março de 1842, a carta de lei de 29 d'octubro de 1840 determinou em o n.º 4 do art. 18 — que aos administradores de conselho competiria a cobrança das contribuições de lançamento, e repartição *emquanto ella se podesse fazer administrativamente; e segundo as fórmas de processo que fossem estabelecidas na lei fiscal expressamente para esse fim.* Esta disposição era no meu juizo a base de um regulamento que devia apparecer em o novo codigo administrativo, e todavia só alli se encontra em o n.º 5 do art. 247 uma fiel copia das palavras da lei citada, cuja determinação por falta d'aquelle regulamento não tem até hoje recebido execução alguma.

Na 2.ª Parte d'esta Memoria disse eu que o n.º 4.º do art. 18 da sobredita lei, *cujas disposições se deveriam ampliar á cobrança de todas as especies de dividas activas do Estado*, lançára os fundamentos de um novo sistema de arrecadação da fazenda publica, que acompanhado de outras providencias, as quaes indiquei não havia de ceder muito em efficacia ao sistema antigo: mas eu disse tambem que um dos grandes misterios d'essa efficacia do sistema antigo estava na accumulação de todas as especies de jurisdicção em um só funccionario, assim como disse que a competencia exclusiva do poder judicial se limitava ao julgamento de questões controvertidas entre partes, e que o verdadeiro meio de melhorar a actual arrecadação da fazenda estava em se crear um bom pessoal na repartição administrativa, entregando-se a esta repartição aquella arrecadação por modo tal, que nunca se requisitasse a cooperação das auctoridades, e empregados da justiça, senão quando absolutamente fosse impossivel evital-o; pois d'esta maneira não só se melhoraria a arrecadação da fazenda em geral, mas muito especialmente a arrecadação judicial pela diminuição do numero desproporcional de cobranças fiscaes, que actualmente sobrecarregavam aos empregados de justiça, numero que era a causa principal de não caminhar bem a arrecadação contenciosa, e não a falta de juizos privativos da fazenda.

Antes pois de chegar a esta 4.ª Parte da presente Memoria tenho já manifestado sufficientemente o meu modo de intender as disposições do n.º 4.º do art. 18 da carta de lei de 29 de octubro de 1840; as quaes todavia julgo precisarem de maior exame em relação á dois assumptos de discussão que ellas offerecem: o 1.º vem a ser — *até onde se poderá fazer administrativamente a cobrança das dividas activas da fazenda:* — e o segundo consiste em averiguar — *quaes serão as formas do processo da lei fiscal a que se referem aquellas disposições;* isto é, se nas faculdades do Poder executivo estará o desinvolvimento d'estas disposições, ou se ellas dependerão de uma lei especial sobre processo. Tractarei d'estes dois assumptos, mas com a indispensavel brevidade.

J. M. de C. Netto Leite.

(Continuar-se-ha.)

NAVEGAÇÃO AÉRIA.

1637 Na Revista Universal Lisbonense n.º 31, artigo 1576, li com prazer uma carta do Exm.º Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão, a qual tracta da máchina denominada — Aéria carruagem de vapor. — A respeito de tão elegante quanto bem traçada discripção, que muito honra a seu auctor, permitta V. que no seu periodico tenham logar estas linhas, contendo duas observações, que me parecem fundadas em bons principios; e isto com o fim tão sómente de promover uma especie de discussão scientifica, para por similhante modo, se apurar a possibilidade de levar a effeito a ingenhosa applicação de um theorema de mechanica, que poderá ter proveitosos e variados resultados.

A estabilidade aéria da presente máchina, funda-se, em que a pressão devida á velocidade d'ella, tem uma componente vertical opposta a acção da gravidade, a qual emquanto fôr maior que o pêso da mesma máchina, a fará ascender, e outra horisontal, a que é devido o movimento de translação: d'estas duas componentes resulta um movimento obliquo á horisontal que se imagina tirada do ponto de partida para o ponto de chegada. Ora, é claro que sendo a distancia consideravel entre estes dois pontos, a máchina, quando se dirija ao ultimo d'elles, elevar-se-ha a uma altura (*) em que a pressão athmospherica não será sufficiente para conter em equilibrio os fluidos que circulam no corpo dos viajantes ou conductores, e portanto seguir-se-ha o que aconteceu a Biot e Gay-Lussac em uma viagem aerostatica, em que o sangue já lhes principiava a saír por algumas extremidades mais delicadas, como beiços, palpebras etc., sentindo ao mesmo tempo grandes impressões pulmonares, o que em breve lhes tiraria a existencia se em continente não tractassem de descer. Esta consideração evidencia, que a máchina, além das difficuldades ponderadas na mencionada discripção, tem mais esta, que só se poderá evitar, quando houver um meio prompto e seguro, pelo qual se possa descer.

Além d'isto, a estabilidade aéria depende essencialmente, de que a componente vertical tenha constante applicação no centro da gravidade do systema, quando não haverá movimento de rotação. Para obter este resultado, parece-me que todos os esforços serão inuteis, attentas as variações athmosphericas, e não poder o systema fluctuar, como acontece com os navios e balões aerostaticos, e portanto a feliz lembrança d'applicação do theorema de mechanica ficará infructuosa.

(*) Se a máchina partisse de Lisboa para o Porto, por um angulo de inclinação de 45°, quando chegasse a um ponto cuja projecção fosse o mesmo Porto, achar-se-hia na altura de 52 leguas acima do horisonte, pouco mais ou menos.

Oxalá que o Sr. Visconde resolva estas duvidas, com o saber e agudeza que lhe são proprios, no que por certo fará um grande serviço ás sciencias applicadas.

Um assignante da Revista Universal Lisbonense.

Lisboa 26 de abril de 1843.

—

Agradeço muito ao auctor da carta supra a urbanidade com que me tracta, e louvo-lhe o interesse que toma pelo progresso dos uteis descobrimentos. Os seus receios e duvidas ácerca da estabilidade da — Aéria carruagem de vapor — ficarão desvanecidos se quizer ter a bondade de ponderar as seguintes reflexões. — 1.ª, a cauda da máchina é articulada no meio de um dos lados maiores do grande parallelogrammo que lhe serve de azas, e póde-se fazer levantar e abaixar de dentro da carruagem por via de cordas e de um mechanismo muito facil e simples. — 2.ª, d'esta ingenhosa disposição resulta-lhe a faculdade de poder subir ou descer com a maior facilidade possivel, abrindo ou fechando o angulo de inclinação que o plano do parallelogrammo faz com o horisonte no decurso do seu movimento de translação. — 3.ª, para a carruagem se aguentar no ar basta que a força componente vertical equilibre a acção da gravidade; pois assim que houver equilibrio não ha razão nenhuma para a máchina descer nem subir, e por isso o seu movimento de translação será horisontal. — 4.ª, consegue-se o equilibrio sem diminuir a força de translação; mas sim diminuindo, a abertura do angulo do plano que o parallelogrammo fórma com a linha horisontal; pois se este angulo chegar a ser nullo tambem a pressão athmosphérica cessa de todo.

Dado que a força componente vertical, que se oppõe á acção da gravidade exceda a esta um pouco, só esse excesso combinado com a força de translação, dada pelo ingenho de vapor, é que póde representar o parallelogrammo das forças, d'onde resultará fazer-se o movimento de translação pela diagonal d'este parallelogrammo, e n'este caso a máchina se eleva em todos os instantes da sua marcha; mas se aquelle excesso dicto fôr representado por 1 e a força de translação por 10.000:000, a diagonal fica tão proxima do lado horisontal do parallelogrammo das forças que se confunde com elle, e postoque o desvio ascencional possa ser sensivel n'uma jornada de 50 leguas, nada mais facil para os conductores do que fazerem abater o vôo convenientemente e depois tornal-o a elevar: d'esta maneira elle será ondulado, assim como é o de algumas aves que fecham as azas por certos intervallos para não subirem muito alto. O vôo ondulado não tem inconveniente nenhum nem se torna incommodo aos viajantes aérios. Eu julgo que uma máchina d'estas se não deve elevar acima da superficie do mar mais do que 2:000 pés, e mesmo evitar quanto podér as altas montanhas para assim se poder gosar da vista do paiz e respirar um ar condensado a que os homens estão habituados: esta altura póde ser regulada pelo barometro e pela simples vista; por conseguinte nunca podem os viajantes sentir os incommodos que soffreram Biot e Gay-Lussac, que foram muito de proposito observar a athmosphéra a coisa de uma legua de altura.

Concordo em que a pressão aéria deve exercer-se no centro da superficie combinada da cauda e do parallelogrammo; mas não acho isso difficil, pois se obtem com muita facilidade nos papagaios de papel. Todo o pêso da carruagem e de quanto levar dentro deve corresponder ao centro da pressão dicta de maneira que o centro de gravidade e o de pressão esteja na mesma linha perpendicular, o que se póde conseguir prendendo a carruagem pelo mesmo meio mechanico com que se suspende um chronometro maritimo á coberta de um navio, ou por outro equivalente.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

Lisboa 29 de abril de 1843.

—

ESTREA DAS CARRUAGENS AÉRIAS DE VAPOR.

1638 Subiu com effeito de Londres aos ares um atrevido aeronauta dirigindo a sua derrota para Paris. A primeira, a mais grave das objecções ficou enterrada debaixo de seus pés. Correu largo espaço em direcção horisontal, foi mais uma resposta, foi a demonstração, foi o triumpho publico do sistema. Esse triumpho porém, a fortuna, que a maior parte das vezes vende, não dá, tinha de o descontar. Quebra-se uma peça da máchina, o viajante, solitario nos èrmos do céu, o viajante, que era um curioso, e não o inventor, perturba-se, desacerta a manobra, rebenta-lhe a caldeira — carruagem e conduzido precipitam-se no canal da Mancha, d'onde o temerario é salvo por um barco de vapor e reconduzido a Londres, onde segundo dizem está escrevendo a sua mallograda viagem: o invento resurgirá ovante por cima dos agoiros.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FR. LUIZ DA CRUZ.

9 de Maio de 1633.

1639 Mais um portuguez, célebre nas terras estranhas. Nasceu Fr. Luiz da Cruz na cidade de Bragança; e não consta que razões o movessem a ir vestir o burel franciscano na provincia de S. Gabriel de Andaluzia. Não só foi entre os seus mestre distincto nas disciplinas escholasticas do tempo, mas em Alcalá de Henares, cidade insigne por sua Universidade, deu provas publicas e solemnes de quão justamente merecidos eram os creditos, de que já gozava dentro do claustro. Quando assim enchia as Hispanhas do écho do seu nome, passou a Roma por secretario do commissario geral Fr. João Baptista Molles; e ahi não sómente conservou, mas ganhou ainda maior nomeada. Instado por cardeaes, e outras muitas distinctas pessoas se encorporou na provincia de Italia em 1600. Obrigada estava hoje pois Italia, uma vez que havia roubado á Hispanha este insigne varão, a levantal-o até onde mereciam suas relevantes partes. E assim o cumpriu Italia, porque logo por uniformes votos foi eleito provincial da Terra de Labor em Campania no reino de Napoles, e depois prelado, ou director do convento de freiras de Sancta Clara de Napoles, d'onde passou a penitenciario na basilica de S. João de Latrão em Roma. O papa Gregorio XV o nomeou vigario geral dos observantes de Italia; e sendo este cargo abolido por Urbano VIII, voltou para Roma ao antigo exercicio de penitenciario. Eleito novamente provincial da provincia de Napoles, pôz-se a caminho para o capitulo geral, que se havia de ce-

lebrar em Toledo, e no qual o designavam para geral; mas chegando a Çaragoça foi ahi detido em razão de certas intrigas, que o padre Fr. Manuel da Esperança na sua Chronica da Provincia de Portugal (liv. 1.º cap. 5) attribue a pessoas seculares, que deveram ser estranhas á gerencia dos negocios claustraes. Talvez lhe vieram d'aqui desconsolações e amarguras, que produzissem a enfermidade, que em poucos dias lhe roubou a vida na mesma cidade de Çaragoça aos 9 de maio de 1633, com 67 annos de idade, e 50 de religião. — Escreveu sobre materias theologicas, e principalmente relativas a negocios da penitenciaria.

J. H. de Cunha Rivára.

CARTA DO PADRE SERAPIÃO DO MENINO JESUS.

1640 Pax Domini etc. — Meu amigo da minha maior veneração. Cá vi a boa obra que você fez pondo ao olho do sol e á vergonha do mundo o que eu lhe disse sobre a historia do Raspalho, e das agriculturas, e das pás, e das carapuças, e dos carrapatos, e das ervilhas, e dos ganchos, e da sóva, que você apanhou para ficar sabendo que não é licito á imprensa periodica avaliar as publicações que se fazem na nossa terra, a não ser para incensar os auctores e traductores pelo bom e pelo máu. Pilhou você bem o que lhe eu ponderei, e já que caíu na asneira de o imprimir, melhor era que relatasse tudo por inteiro, do que estar a interter-se com a minha burra, com o meu guarda-chuva de panninho pardo, e com as duas lagrimas da infame zurrapa com que traiçoeiramente me empestou o estômago para quinze dias. Mas já que não o fez, deixe-se agora d'isso, que não é decente andar o meu nome, o nome de um ministro do Altissimo, servindo, como lá se diz, de toirinha dos rapazes. Calle-se, por isso mesmo que tem razão; quem a não tem é que grita quasi sempre mais. Deixe no tinteiro as minhas graçólas de saloio, e não afflija mais aquelle lavrador, seu amigo, traductor do Raspalho. Exceptuo, porém, uma coisa. — Como elle lhe pediu, que désse uma volta pelos arredores de Lisboa para ahi encontrar os dozentos e trinta e cinco climas, que correm á volta d'ella, cuja existencia o seu amigo lavrador provava pelo estado dos trigos, uns semeados, outros nascidos, outros já de um ou dois palmos de altura, é necessario que você lhe dê a razão da sua desobediencia. Bem sabe porque motivo o dissuadí de fazer tal viagem. O seu amigo não se lembrou de que ha trigos durazios e tremèzes, nem de que os primeiros se semeam no outono, e os segundos na primavera, e que por isso não é grande milagre que n'um campo esteja o trigo de palmo, ou mais, emquanto n'outro ainda não está nascido; — não se lembrou de que nos arredores de Lisboa, como por toda a parte, ha lavradores e simples seareiros, e que os primeiros costumam fazer com o seu gado as lavoiras dos segundos (o que se chama fazer geiras) e que estes d'ordinario tem de esperar que o lavrador acabe as suas sementeiras, as quaes por isso, se o tempo lhes correu, vem mais formosas; — não se lembrou de que, seja por esta historia das geiras, seja por outro qualquer motivo, fazendo as semeaduras de dois campos differença de alguns dias, ás vezes isto basta para trazer grande differença de vegetação; porque o sol ou a chuva, o maior ou menor frio de um dia ou de outro obram diversamente segundo a semente está nascida ou debaixo da terra, o que depois vem a influir no progresso da seara; — não se lembrou de que as terras criam com mais ou menos força e rapidez segundo são mais ou menos fortes, mais ou menos adubadas, mais ou menos lavradas. Em tudo isto tinha elle razões verdadeiras d'esses differentes estados da vegetação, sem ser necessario explical-os pela variedade de climas, que sendo real até certo ponto, e real a sua influencia, d'ahi para diante é caraminhola, e especulação d'arroz de telhado. Isto diga-lh'o sempre; para que elle não o tenha por desobediente, nem a mim Padre Serapião do Menino por algum pedaço d'asno, como parece ter ao pobre Trigoso quando diz, que as oliveiras se não dão em todas as provincias, e este affirma que se dão em *quasi toda a parte* em Portugal.

Agora o que lhe eu peço é que não me deixe ir sem resposta aquelle fidalgo de Coimbra, que ralhou com você, e por tabella comigo, pela falta de respeito a Monsiúr Raspalho. O Senhor não permitta por sua divina misericordia que eu deixe de venerar com todo o acatamento aquelle grande doctor das gentes. — Mas pergunte sempre ao fidalguinho, se isto de agricultura é alguma especie nova de theologia, em que a auctoridade das Escripturas, concilios, e sanctos padres valha como provas e argumentos. Não conheço aquelles senhores que tem posto Monsiúr Raspalho nas pontas da lua; creio bem e sem a menor duvida, que são creaturas de muita verdade e muito tementes a Deus. — ¿Mas que tem isso com a nossa questão? O caso é saber se aquillo que elle escreveu em agricultura, traduzido em portuguez pelo seu amigo, serve em tudo para Portugal. — ¿Não póde ser elle até um grande botanico, physiologo (creio que assim se intitula o que sabe uma coisa a que o cirurgião cá da freguezia chama physiologia) e tudo o mais que quizerem, e ser um fraco escriptor de agricultura, ainda mesmo para França, o que não digo, quanto mais para Portugal, o que jûro aos sanctos evangelhos? Eu conheci um inglez (por signal que era elle bem bom catholico; que dos outros, ¡abrenuntio!) o qual me fallava muitas vezes n'um figurão da sua terra chamado Neuton ou Neutão, ou coisa que o valha. Dizia-me o inglez que aquillo era um portento a governar o mundo em secco: conhecia esta máchina como um relojoeiro conhece um relogio. — Contava-me aquelle amigo uma historia de uma pêra, que bateu certa vez no nariz do tal doctor, com que elle, apesar da dor, alli do pé para a mão descobriu uma coisa, que o inglez dizia ser mais importante que o descobrimento do comer e beber. ¿Pois quer agora que lhe diga o que fez este homemzarrão? ¡Poz-se um dia a commentar o apocalipse! — ¡¡o apocalipse!! — ¡Olhe que havia de ser aceado o commentario de um hereje, que nunca por certo leu o padre Larraga, nem talvez um unico livro da sancta theologia! ¿Não podia ser Monsiúr Raspalho um hereje em agricultura, e ser em tudo mais um Cicero ou um Neutão?

Você já respondeu como póde ao fidalguinho; mas se tiver occasião pergunte-lhe tambem, se está averiguado que Monsiúr Raspalho não escreveu o tractado d'agricultura fazendo figas á tal academia com que elle embirra. — Desde que li na carta de Coimbra que Monsiúr Raspalho nega a pés junctos a verdade sabida, logo que os academicos de París a confessem, comecei a desconfiar que o tractado de agricultura não

passará talvez de uma pirraça áquella pobre gente. Ha coisas n'esta obra tão estapafurdias, que só as diria um homem que é capaz de negar que ha Deus, logo que por mal de peccados a academia affirmar que o ha. Ahi vae um exemplo:

«Convem, portanto, ter presente que as eguas, VACCAS, e burras andam prenhes os seus ONZE mezes (faltou-lhe pôr bem puxados). Tract. 5.º pag. 28 e 29 da agricultura Raspalhica do Sr. Figueiredo.»

De duas uma: ou a academia disse o que sabe toda a gente em Portugal e fóra d'elle, isto é, que as vaccas andam prenhes nove luas, ou Monsiúr Raspalho, intertido com as observações microscópicas da gestação das pulgas e carraças, nunca teve a curiosidade de perguntar a um creador de gado, qual era a duração da prenhez de uma vacca. Veja você se o fidalgo de Coimbra lhe dá outra explicação.

Agora me lembra que ha outra. Talvez sejam vaccas creadas debaixo de carapuças de vidro as da prenhez de onze mezes. ¡As carapuças fazem milagres que é pasmar!

Ahi vae a certidão d'aquellas missas que você bem sabe. Mande-me a importancia que é para ajuda das mondas. Ha herva este anno que é seiscentos diabos.

Amigo e capellão
O Padre Serapião do Menino Jesus.

Chicharrães debaixo 27 de abril.

—

RESPOSTA.

Reverendo amigo. — Recebemos a sua etc. — e tomámos a ousadia de a dar á estampa sem o consultar: d'isto lhe pedimos perdão, assim como de lhe termos podado alguns paragraphos, de que o auctor censurado teria razão para se queixar. Póde-se julgar com severidade uma obra impressa; póde-se criticar gracejando, mas o que se não póde, nem deve é offender a ninguem; o contrario, para nos exprimirmos na sua linguagem, é um destempêro, logica villôa e falta de creação. Um homem póde ser um diabo, e imprimir um livro bom, e póde tambem ser um sancto, e imprimir um livro desgraçado, — o livro e o homem nada teem um com o outro. A nossa questão não é, nunca tem sido, nem desejamos que seja o Sr. Figueiredo, — é o Raspail portuguez.

Deus tenha o nosso amigo de sua mão, lhe conserve o juizo, sem lhe diminuir os pintos; e a nós nos conceda muitas occasiões de lhe mostrar etc.

—

POST-SCRIPTUM.

1641 No *Patriota* de hoje, 1 de maio, vem uma carta do Sr. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva contra os nossos artigos ácerca da sua traducção de Raspail, contra o nosso jornal, e contra nós. — Artigo que o auctor se queixa de não lhe termos querido imprimir. Recusámos-lh'o, é verdade; mas pela mesma razão porque nos prohibimos o responder-lhe. — A Revista Universal Lisbonense não é uma praça de toiros. Se o auctor se houvesse limitado a questionar, muito embora gracejando como o Padre Serapião, muito embora zombeteando sobre a nossa ignorancia e nullidade scientifica não lhe teria sido necessario recorrer áquella folha.

Pedimos por especial favor a nossos leitores que releam seguidamente, e com attenção, os artigos 1269 1339 — 1373 — 1476, e por ultimo o supracitado do *Patriota*. — Verão — como tendo nós começado por dizer quanto bem era possivel do auctor, do traductor e da obra, — o traductor, pela torcida intelligencia que deu a uma palavra sem procurar hermeneuticamente o espirito d'ella no espirito geral e francamente laudativo de todo o artigo, encetou as questões odiosas da perso nalidade; — verão, como confundindo o gracejar com o injuriar, emquanto nós só lhe provavamos o que *a priori*, e *a posteriori* era evidente, que elle não podia fallar como lavrador da agricultura portugueza, que lhe era estranha, e n'este sentido lhe recusavamos conhecimentos, que nos principios geraes da sciencia e na botanica e n'outros ramos das sciencias naturaes lhe concediamos por justiça, e ainda agora lhe concedemos, — elle, attribuindo-nos cada vez mais, e mais descommedidamente, intenções malévolas, foi subindo nas invectivas até o ponto do famoso libello, que já lhe não podémos publicar, nós, que sem obrigação lhe admittíramos os memoraveis artigos 1339 e 1373.

Em summa, que depois de toda esta leitura só se achará que nós dissémos, o que dizemos e diremos sempre — que o Sr. Figueiredo tem saber e talento, mas que em agricultura patria é muito ignorante; sem embargo do quê, os seus projectados *annaes de agricultura*, se elle se resolver a fazer-se lavrador pratico, não poderão deixar de ser obra de muito mérito e de muito prestimo. Oxalá que elles appareçam, feitos no campo e não n'um quarto da cidade, que nós seremos os primeiros a preconisal-os; porque ahi o saber e o ingenho que elle possue, mas que por si sós não bastam em coisas taes, rectificados pelas provas e contraprovas dos factos não poderão deixar de ser de summo proveito á classe mais numerosa, mais util e por quem mais nos cançamos, — á classe dos fertilisadores d'uma terra empobrecida.

Por estes elogios não lhe pedimos retribuição. Que diga elle e publique o Patriota, que não somos poeta, porque nunca fizemos um poema épico, um drama, ou uma ode, pouco nos importa: — nunca de poeta nem de coisa alguma mostrámos presumpção; e se a tivessemos facilmente nos consolariamos com Theócrito, Mósco, e Bíon, com Propércio, Tibullo, e Catullo, e até com Béranger por não fallar em trinta mil outros, que sem dramas, epopéas, nem odes foram e hão-de ser sempre havidos por poetas. — Que Raspail nunca ouvisse fallar em nós nem haja de ouvir, lastima é; mas consolar-nos-hemos d'ella com o clima e agricultura de Portugal que tambem lhe são desconhecidos, e mais vão resistindo a esse infortunio. — Que tenhamos fama de satiricos, de damnados e até de ingratos porque batemos com razão no theatro *agrião*, que ha-de vir abaixo, no monumento com estatua, que já caíu por insustentavel, na ópera lyrica, e nas representações devassas e no fautor de tudo isso, contra quem toda a imprensa está hoje gritando mais fortemente do que nunca nós o fizemos, é uma fama essa que não trocariamos por nenhuma outra, é uma fama de defensor acerrimo das coisas boas, e por cúmulo de fortuna, defensor favorecido n'isso por todos os homens sensatos, e já em grande parte victorioso. — Que tudo quanto ha bom na Revista Universal Lisbonense seja o de auctores alheios, e todo o restante, que é o nosso, para nada preste, é muito possivel; não lh'o havemos de impugnar, e tememos que não tenha o dicto mais fundo do que elle

cuida. — Que a nossa linguagem não seja portuguez de receber, cremol-o porque elle o diz, e o Patriota o publíca, e emvez de *reclamar* louvores por esforços, não infructiferos que ha annos havemos feito a respeito da patria lingua, procuraremos estudal-a nas suas verdadeiras fontes, que já não são Bernardes, Vieira, e Fr. Luiz de Sousa, mas as traducções do francez como nos seria facil demonstrar.

Mais ha n'aquelle libello, mas falta em nós paciencia para o reler.

Conclusão. Ficará desde hoje em plena paz e completa inviolabilidade a traducção de Raspail (o traductor sempre o esteve por nossa parte): e de quantas obras elle podér para o futuro publicar só annunciaremos aquellas de que se possa unicamente dizer bem — as mais não são do dominio da imprensa; e quem a ellas attentar pagará com a fama, emquanto não fôr com os ossos.

FLÔR DO MAR.

(Historia de um barqueiro.)

II.

1642 No dia seguinte não faltei. O algarve estava no seu logar do costume. Assim que me avistou levantou-se e veio cumprimentar-me com desusado respeito. O bom do velho parecia agradecer a minha pontualidade e sobre tudo o meu interesse.

— O promettido é devído — disse eu assentando-me a seu lado com a maior deferencia que me era possivel mostrar.

— E as dividas pagam-se — acudiu o barqueiro.

Depois pareceu recolher-se alguns momentos e meditar profundamente como para enfeixar e coordenar as suas lembranças. Mas eram lembranças afflictivas, que a sua fronte naturalmente carregada cada vez se lhe obscurecia mais, ao passo que a memoria parecia soccorrel-o. Respeitei-lhe o seu silencio e esperei, observando-o porfiosamente. Por fim levantou subito a cabeça como para sacudir algum grande pèso de afflicção, e fazendo um violento esfôrço de espirito para subjugar a dôr íntima que o pungia exclamou:

— Vamos.... ¡O promettido é devido!

E começou a sua narração que buscarei traduzir para os meus leitores.

Havia ha tempos no logar da Fuzeta, no Algarve, situado ás bordas do mar uma familia que era o modelo da felicidade terrestre. Compunha-se ella de um homem de 45 a 50 annos, de sua mulher um pouco mais moça do que elle, e de uma filha de 15 annos, que era os amores de ambos ou antes o seu idolo.

Debaixo do tecto de colmo da alva casinha em que habitava á borda da agua, aquella familia contente não havia nem sequer uma lembrança do superfluo, mas havia todo o necessario e com isso uma paz, uma alegria, uma felicidade, que a não houvéra maior nem tamanha nas amenidades do mundo primitivo. Não eram grandes os seus teres, mas remediava-se como quem possuia a riqueza do muito contentamento e de nenhuma ambição.

O pae tinha de seu o mais pequeno e o mais velleiro e afamado de todos os barcos da Costa do Algarve. As suas frequentes viagens a Lisboa condusindo passageiros, mercadorias ou fructos da terra rendiam-lhe quanto bastava para passar vida farta, postoque não regalada. Antonio Domingues (tinha este nome) era um homem temente a Deus, de uma probidade e fidelidade severissimas, e amante da sua pequena familia, como se não acharia outro um par de leguas em redondo. Feito á vida aventurosa do mar, acostumado ao perigo e a luctar a braços com elle na solidão das aguas, Antonio junctava a essa rara energia, vulgar nos maritimos, uma sensibilidade mais rara e um vigor d'alma rarissimo — consequencia talvez da pureza de sua consciencia. Rosa, sua mulher, era uma sancta creatura. A primeira vez que Antonio a viu foi na egreja, aonde elle tinha ído cumprir um voto feito no meio do temporal, e onde ella orava com lagrimas fervorosas por seu pae, defuncto havia tres dias. No dia seguinte Antonio tomou informações da desconsolada moça e soube que era um exemplar de bom proceder, porém orphã de um pescador indigente, desamparada, sem abrigo, sem uma só pessoa no mundo. No fim de um mez casou com ella. A pobresa de Antonio era opulencia para a quasi nudez da orphã, Rosa portanto amava-o não só com desvellos de esposa mas ainda com toda a força de uma viva gratidão.

Depois de dois annos de esperanças e orações deu-lhes Deus uma filha para rematar a perfeita união d'aquellas almas bonissimas. Rosa cuidou morrer de alegria. Muitas vezes pedíra ao céu este presente e uma filha era o que ella mais desejava, para ter uma companheira na soledade em que o tracto de seu marido a obrigava frequentemente a ficar. Quanto a Antonio, fallando a verdade, quizera antes um filho para fazel-o um homem, como elle mesmo dizia na sua linguagem rude e franca, mas conformou-se facilmente, e começou a querer tanto a sua filha que os gentís bracinhos da innocente foram, não poucas vezes, a rija cadeia que o prendia á terra, a elle e ao seu barco, coisa que d'antes ninguem, nenhuma consideração lográra. Desde que a pequenina veio ao mundo foi uma festa contínua n'aquella casa. Antonio, que era um homem sério e essencialmente inimigo de futilidades, andou scismando mais de tres dias no vestidinho que havia de comprar para o baptisado de sua filha, e o nome que ella havia de ter foi objecto de um debate muito grave. Rosa não achava nome sufficientemente gracioso: Antonio todas as sanctas lhe pareciam pouco influentes e intercessoras para lh'a entregar á sua protecção. Concordou-se por fim que se chamasse «Maria.» Foi o só que pôde satisfazel-os a ambos.

Na épocha em que fallamos Maria andava pelos seus quinze annos. Tinha um ar gentil de princeza, que fazia raivas a todas as raparigas do logar, e com isto uma cara feiticeira e um certo sorriso languido que levava a alma. Era, na vívida e affectuosa phrase do meu barqueiro, a mais linda e airosa fragata que se víra nunca. Tractavam-n'a seus paes com tanto recolhimento e estimação que nem que ella fôra senhora de grandes fidalguias. Os primeiros amores de Antonio tinham sido o barco que de seu pae herdára quasi novo. Mesmo depois de casado era abaixo de sua mulher e de sua filha o a que mais queria no mundo. Os dias que passava em terra passava-os todos em brunil-o, concertal-o, arranjal-o, pintal-o, anafava-o como se fôra uma sua amante, era o barco mais acceiado e mais garrido que bojava n'aquellas aguas. Chamava-se — «Flôr do mar.» — Antonio na sua ân-

cia de amimar e festejar a filha que Deus lhe déra, pôz-lhe por alcunha o nome querido do seu barco e em toda aquella terra Maria era conhecida pelo nome de Flôr do mar. — ¡ Linda flôr que ella era!

Um dia pela manhã costurava Maria á janella do quarto unico assobradado, que havia na habitação; sua mãe cantava na cosinha e Antonio assobiando por entre os dentes pintava o que quer que fosse ao regalado soalheiro da sua porta. N'isto sentiu-se um grande tropel e viu-se o official de um destacamento de cavallaria que alli chegára e fizera alto para descançar, correndo desorientado no seu cavallo, que se espantára e tomára o freio nos dentes. Ergueram-se todos cuidadosos no pobre moço, e com razão para isso, pois o cavallo endoidecido pelos violentos esforços do cavalleiro, pulando ás cégas por entre a muita pedra que alli havia deu com seu dono em terra, seguindo a correr para a banda do mar e deixando-o sem sentidos e ensanguentado no chão. A primeira pessoa que se achou ao pé d'elle foi Antonio, rojando uma furiosa praga ao descomedido animal: a segunda foi um mancebo da companha de Antonio Domingues que estava defronte de sua casa olhando com tanta attenção para a janella do sobrado, que não deu pelo official senão quando Maria largou um grande grito ao vêl-o caír.

Ajudado do mancebo, Antonio levou nos braços para sua casa o desfallecido militar, e emquanto encomendava a todos os diabos aquelle chavéco maldicto que não sabia dar pelo leme (era assim que no primeiro ímpeto denominava o cavallo) e a tôla manía (dizia elle) de preferir as quatro pernas de um bruto, quando Deus nos tinha dado um par d'ellas com o mesmo e melhor prestimo — emquanto gritava que lhe fizessem uns fios e que apromptassem a sua propria cama ía tenteando duas grandes brechas que o official tinha na cabeça, e procurando estancar-lhe o sangue que d'elas lhe enxurrava.

— Navega, Manuel — gritou elle para o mancebo maritimo ao vêr as feridas — traze-me aqui já aquelle casco velho do boticario.

Manuel galgou seis degráus sem querer, de cégo que ía, ao descer do sobrado. Rosa fazia a cama para o ferido. Quanto a Maria, toda pállida e a tremer resava em voz baixa uma oração milagrosa, e apenas havia conseguido atinar com tres ou quatro fios do panno de linho que tinha na mão.

M. Leal Junior.

(Continuar-se-ha).

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1643 Discutida a pena de morte na dieta de Posen, vinte e cinco votos contra vinte e dois a condemnam.

Na Inglaterra Brougham propõe na camara dos lords providencias mais energicas e geraes para acabar com a escravaría, e despresa as objecções fundadas no direito das gentes. — Robert Peel intende que é indispensavel que a Inglaterra não teime em querer dar lei a todas as nações; a experiencia tem mostrado que ellas o não toleram. — Na camara dos communs pede-se a organisação de um vasto plano colonial para aliviar a patria de povoação superflua, com que ella não póde, e dar ao mesmo tempo vasão aos productos da industria; mas objecta-se que seria isso formar novos estados, que a seu tempo apartariam casa e fato.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

1644 *Diario do Governo de 26 de abril.* — Officio do administrador da Imprensa Nacional participando as providencias, que tomou por occasião do incendio da Eschóla Polytechnica. — Portaria elogiando-as e adoptando-as. — Ordem do exército n.º 14.

Idem de 28. — Portaria ordenando que a medição dos navios se faça como antes da portaria de 11 de janeiro ultimo. — Outra da secretaria da marinha elogiando os officiaes de marinha e marinhagem, que no incendio da Eschóla Polytechnica prestaram bons serviços. — Outra dando providencias sobre o serviço de saude naval na Africa ocidental.

Idem de 29. — Decreto prorogan o as côrtes até ao fim de maio. — Portaria pela secretaria do reino, agradecendo a todos que trabalharam contra o incendio. — Rendimento das alfandegas, Grande de Lisboa, Septe Casas, e Porto no valor de 309:652$442 réis. — Venda de bens nacionaes em Portalegre, Santarém, Porto, e Lisboa, na importancia de 6:445$400 réis.

Idem de 1 de maio. — Subscripção feita em Hamburgo a favor dos innundados da Madeira no valor de 48$000 réis. — Tabella da disposição dos fundos do tribunal do Thesoiro publico e repartição da thesoiraria geral no mez de março ultimo. — Conta das sommas postas á disposição dos differentes ministerios em março ultimo. Encargos geraes 82:015$237 réis: secretaria da fazenda 45:983$725 réis: ministerio do reino 111:667$001 réis: da guerra 267:907$704 réis: da marinha 77:604$241 réis: dos ecclesiasticos e justiça 36:126$153 réis: dos estrangeiros 3:335:289 réis. Total 624:639$350 réis.

O MONUMENTO DE D. PEDRO..

1645 Todos queriam Monumento — havel-o-ha.

Quasi todos o queriam optimo — esse desejo vae ser coroado.

A columna, que só era lembrança, cedeu ao edificio, que será ainda mais lembrança do que ella — e o material cedeu ao espiritual.

D. Pedro será honrado segundo o seu coração. (*)

A gratidão será gratidão e philosophia. As gerações, que vierem, lerão o nome do Libertador n'um fóco de luz coroado de loiros vivos, e não n'uma pedra bruta afeitada de corôas mythologicas.

Suas Magestades, a Esposa, a Filha, e o Genro do Libertador assim o intenderam como a Nação. — A Juncta, que preferíra a columna, reconheceu — ainda que tarde — mas reconheceu briosamente a utilidade, a necessidade, o nobre e o poetico da substituição. — Os proprios Artistas, cujo elegante risco fôra preferido, os Srs. *Rambois* e *Cinatti*, abraçaram com

(*) Estão vivas e sãs pessoas de credito, que se lembram de ter ouvido ao proprio Duque de Bragança, que — se algum dia lhe quizessem fazer algum monumento, o que elle preferíra seria um bom observatorio astronomico.

satisfação o pensamento nacional — á-fé que não era elle para deixar de ser sentido, festejado, e adorado por dois tão verdadeiros genios como estes são. — Combatendo a desconveniencia da sua obra bella — mas só bella — nós lhes tributámos sempre a justiça mais completa. Quem houver lido todos os nossos artigos sobre tal assumpto e souber, que nunca as nossas relações de leal amisade soffreram a mais pequena quebra ou estremecimento, intenderá o que um dia — mas tarde — ha-de chegar a ser evangelho na Imprensa — que no julgar as obras, não deve apparecer como causa, nem como effeito o amor ou o odio. Um talento incontestavel nunca jamais se espinhará porque lhe censuraram a sua obra imperfeita. — Agradecerá e emendará. — Os outros pouco importa o que farão.

Tributamos pois, como portuguezes, os nossos agradecimentos ao Paço, ao Governo, ao Parlamento, á Imprensa, ao Reino, á Juncta do Monumento, e aos dois estrangeiros, que tão portuguez coração mostraram n'esta conjunctura.

O nome de D. Pedro ficará resoando a todas as horas, e por muitos seculos, sob abobadas de um verdadeiro Templo de Gloria — tendo por altar a Sciencia — por adoradora a Mocidade, a representante do futuro — e por festa incessante o desinvolvimento da Civilisação.

A SUBSCRIPÇÃO PARA O MONUMENTO.

(Carta.)

1646 *Sr. Redactor.* — Ha quem diga, quem escreva, e quem imprima (*Correio* de 27 d'abril) que — « é « sem duvida que ninguem tem direito para dispor das « quotas, com que os particulares concorreram para o « monumento, sem que elles a isso tenham annuido, « pois que d'este modo ninguem quereria concorrer pa- « ra objectos de tal natureza, com receio de uma ou- « tra applicação, receio que este precedente tornava « fundado. E se o *Patriota* sabe de muita gente, que « approva a sua idéa; tambem nós sabemos de bastan- « te, que muito deseja concorrer para o monumento, « e que de certo nada dará, se lhe quizerem d'est'ar- « te sofismar os seus desejos.

Eu cá, Sr. Redactor, como nem sou da gente do *Patriota*, nem da gente do *Correio*, nada intendo d'essa arte de sofismar desejos. O que intendo, o que digo, o que escrevo, e o que não duvido publicar é que por insinuação de superior auctoridade fui moralmente obrigado a contribuir para o monumento com um dia de ordenado pelo menos: e agora, se, como tenho por fé, se applicar essa contribuição para a restauração das Escholas incendiadas, mui espontanea, e gostosamente offereço ainda o contingente, que fôr compativel com minhas fracas posses.

Se todos os que teem assente o seu nome na lista da contribuição quizessem dar-se ao trabalho de fazer uma sincera e publica declaração de seus desejos, veriamos da parte de que gente estava o *sofisma*, que não passa sem duvida de ser algum syllogismo em *barbara*, e que péque na *materia*.

30 de abril.

Sou etc.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, professor de Philosophia no Lycêu de Evora.

OS MARINHEIROS FRANCEZES.

1647 Consta-nos que Sua Magestade Fidelissima enviára o seu camarista, o Sr. Conde de Saint-Leger, a bórdo da nau *Suffren* para em seu nome, e no da Nação portugueza apresentar ao digno Almirante o Sr. Carsy devidos agradecimentos pelo que Elle, seus Officiaes e Marinheiros fizeram de gentilezas no desgraçado incendio da Eschola Polytechnica.

S. Ex.ª o Sr. Almirante testimunhou a gratidão, em que o deixava esta mensagem — communicou-a a todos os seus subalternos, e mandou gravar no mastro grande que — *se sentia ufano de capitanear taes valorosos.*

Sua Magestade a Imperatriz mandou eguaes agradecimentos, que foram egualmente apreciados; e constando-lhe que um dos marinheiros ao recolher-se do incendio para o seu navio, cego do fumo e das chammas, caíra ao mar e se afogára, deixando em França uma viuva e órphãos, deu para se enviar á desamparada familia um presente assás avultado de dinheiro.

Chamava-se o morto *Jofro*: *Périon e Kerveonat*, outros dois marinheiros, estão estropeados — um perdeu parte de um pé, o outro, dois dedos de uma das mãos; quinze ficaram mais ou menos feridos.

A REVISTA E A *REVISTA*.

1648 No Correio Portuguez de 2 do corrente lemos em um mui sensato, mui verídico (*) e mui portuguez artigo, ácerca da nova empreza dos Condes e de Mr. Doux, justas e provadas repreensões ao *unico jornal portuguez*, que rouba aos artistas portuguezes, o que lhe é devido, para o lançar aos pés do francez, que o desmerece e nos insulta.

Este jornal é a *Revista dos Jornaes Politicos*.

Rogamos ao digno Redactor do Correio e bem assim aos de todos os outros Periodicos se dignem de citar sempre por extenso o titulo d'aquella *Revista*, quando a ella se referirem, bem como o da nossa quando nos fizerem a honra de se referirem á nossa: aliás, pôr-nos-hiam na dura necessidade de ☞ *mudar de nome* ☜ — cedendo aquelle que ha dois annos forcejamos por illustrar com todo o genero de sacrificio á verdade e á civilisação, e tomando em seu logar outro qualquer — para o largarmos novamente — quando algum outro se lembrasse de nol-o tomar.

O PAGEM D'ALJUBARROTA.

Drama em 3 actos pelo Sr. J. da S. M. Leal Junior.

1649 Segunda feira 1 de maio subiu á scena no theatro do Salitre, em beneficio dos innundados da Madeira, este drama, já de antemão abonado pelo nome do auctor, pela generosidade desinteressada,

(*) Só em um pequeno incidente, onde se falla da guerra feita pelo Salitre á empreza de Emilio Doux, discordamos um pouco da opinião do Jornalista.

que veio acudir com o fructo de um esplendido talento ao desamparo dos desvalidos, e pelos esforços da parte sã e esperançosa da nossa mocidade, que acolheu este nobre plano com a mais sincera vontade.

Da execução pouco diremos: eram curiosos e não comediantes; fizeram o melhor que sabiam e podiam — fizeram muito. Se algumas culpas veniaes por ahi se lhe notaram — ¿quem as não verá até nos apurados mestres? — demais as absolvem a pureza das intenções e o instituto da Sociedade.

O drama é historico — não só no titulo — que é o menos; mas no todo da idéa geral, na índole da obra, nos costumes, e na linguagem.

Seguindo n'esta peça o mais sisudo da eschóla allemã, o Sr. M. Leal, nem acanhou os traços, nem se esmerou todo em primores parciaes, em relevos de sciencia vã. Ao fundo do quadro é que pôz o pensamento historico: intendeu e abraçou inteira a épocha — e não um ou dois factos: — fez mais — deu-nos o retrato vivo e animado d'ella, com as inquestionaveis virtudes, com os sabidos defeitos; um certo instincto do bello, que todos teem, o estava dizendo ao vêl-a saír tão modesta. Mas disfarçou o saber nas gallas singelas de um stylo rápido e claro, ornado sem n'o querer parecer, sentido sem ares de creancice sentimental, que é o peior e mais deslavado beaterio d'este mundo.

Aceitou n'este breve painel da vida íntima da côrte de D. João I a graça ingenua e meiga da eschóla-media, que em França assentou Casimiro de La Vigne entre os arraiaes dos veteranos de mulêtas da trindade de Aristoteles, e os *sans-culotes* da revolução estonteada do romantico de sócco. Exageração semsabor das idéas philosophicas e estheticas, que M.me de Stael veio começar, e A. Dumas com V. Hugo encarnaram no Drama e no Romance, como já o fizéra Paul Delaroche na pintura.

O nosso poeta soube accommodar ao género, que adoptou, a linguagem que lhe convém mais. É o mavioso, sentido, e enamorado de Bernardim Ribeiro, o trovador dos amores e das saudades com leves clarões do ardente, arrebatado, e romanesco do theatro hispanhol, e do natural e folgado de Gil Vicente. Era difficil acertar entre tantas variedades com a medida do gosto puro; mas conseguiu maravilhosamente.

Nem é chão e despoetico, que resvalle em raso e prosaico, nem tão alto que entre pelas nuvens como o vaporoso de Ossian. A nosso vêr este drama e o seu stylo representam uma nova eschóla, que medeia entre a Gongorismo insupportavel dos Gracchos das lettras, e o muito popular das formas, que tambem tem o risco de caír no real descorado e sem animação, que não é a linguagem e a vida do povo nos lances de grandes paixões.

O enredo é simples, as situações naturaes, e filhas legitimas do amplexo das diversas scenas; os characteres traçados com vigor e verdade historica e dramatica. Alguns podem ser typos, ou como adverte V. Hugo, podem ser alternadamente homem ou idéa.

No dialogo notamos leves descuidos, talvez pompas demasiadas em certas fórmas que mostram, mais do que deviam o poeta por entre o véo do ideal: — talvez lhe saíram estiradas de mais algumas scenas, que affrouxam o interesse da acção. Mas o todo do drama pelo mimo, pela delicadeza e bem aproveitado dos contrastes, e côres vivissimas das paixões levou comsigo os sentidos e admiração dos spectadores intelligentes a tão pasmoso encantamento, que só depois de quebrado o collar magico veio a reflexão lembrar-lhes, que não ha mesmo na mais acabada obra formosura sem senão. — Respeitamos como a mestre, e amamos quanto a filho podéramos amar este joven principe da nossa litteratura, a quem tão altas glorias devem estar ainda reservadas; por isso lhe dizemos a verdade plena, ou pelo menos o que temos por verdade. Só com talentos como o seu se póde usar de franqueza como a nossa. Os elogios extremes temol-os reservados para os tolos.

Em um dos proximos numeros da Revista analysaremos mais repousadamente esta peça, que apar das do auctor do Gil Vicente e do Alfageme annunciam a aurora de uma creação pura, harmoniosa, e sem enfeites de presumidos, lantejoilas que cégam minutos, mas ficam logo sem brilho diante das roupas singelas e dos modos honestos da verdadeira arte.

FR. LUIZ DE SOUSA.

1650 Sabemos que S. Ex.ª o Sr. Garrett empregou o forçado ócio, em que o teve a molestia, de que felizmente acaba de saír, na composição de um novo drama em tres actos, intitulado — *Fr. Luiz de Sousa.* — Quasi que abençoamos uma reclusão que produsiu um novo laurel para a nossa litteratura. O enrêdo é simples e ao mesmo tempo interessante; os characteres bellos e perfeitamente conservados; as situações dramaticas; o stylo rico de singeleza, de propriedade, e de affecto.

O AGRIÃO DE PAPEL.

1651 Appareceram finalmente lithographados, a planta, do novo theatro, e os alçados das duas fachadas — as que olham para o rocio, e praça de Camões. — Ainda com taes dados, a ninguem será possivel formar uma completa idéa da obra; que já agora terá de ser enigmatica, Deus sabe se até depois de concluida — a concluir-se. Não ha sequer um *corte*, que nos diga o numero d'ordens de camarotes, e a sua altura; faltam as plantas dos andares superiores; ignora-se inteiramente a fórma da tribuna regia; emfim, póde o architecto continuar no seu sistema sem sistema, isto é, variando de risco a cada instante, como até hoje tem feito, que só em plantas a que veio a lume é já 3.ª; e afiançam que, a que se está pondo em obra ainda differe.

Todavia, como o bom do homem, quando não tenha outra coisa, tem ao menos uma facilidade espantosa em se aproveitar das idéas dos outros, uma condescendencia, ou antes — *copiatividade* proverbial, ahi vão algumas reflexões criticas, sobre os seus desenhos publicados, as quaes confiamos não deixará de pesar em sua alta sabedoria.

Na fachada que diz para o Rocio, as portas e janellas altissimas, (sobretudo o arco das portas), em proporção da largura, atiram muito para feitio de linguiça. O architecto não copiou. — A columnata do centro tem magestade. — O architecto quiz condescender com os grandes mestres da arte: veja-os quem duvidar. — O altissimo attico, que remata a fachada, com apenas quatro janellas persianas em toda a sua extensão, é absolutamente falto d'elegancia: apresenta ma-

cissos formidaveis que o fazem parecer ainda mais pesado — desmedida corôa para tão acanhada magestade. — Convém, quanto a nós — augmentar o numero de janelas persianas, — ou talvez melhor, — fazer óculos emvez d'ellas. — Appellamos para a condescendencia do architecto.

A lembrança das rampas, para Suas Magestades se apearem a coberto, é boa: pena é que seja tirada de um dos riscos portuguezes que concorreram — As columnas do salão fazem-no acanhado — O telhado mette medo: criticavam o do Sr. Visconde de Villarinho por demasiadamente alto; aquel e é-o muito mais: talvez lhe chamem — de bom gosto. — A fachada que olha para o largo de Camões participa da mesquinhez geral quanto a portas e janellas.

N. B. Os desenhos publicados custam 1$200 rs.: como é quantia avultada, annunciamos aos curiosos que o não podérem comprar, vão á loja do Toscano defronte dos Martyres.

Um curioso d'architectura.

UM VALLE DE JOSAPHAT ANTES DO FIM DO MUNDO.

1652 Consta-nos que vae começar a publicação de uma obra intitulada *Diccionario Biographico e Politico*, ou *Galeria dos Contemporâneos*; — que além de politico é tambem livro de litteratura; e que as pennas encarregadas de o escrever são das mais conhecidas e apreciadas.

A PRIMAVERA.

1653 Nos ultimos dias de abril se começou a distribuir um novo esmero artistico do Sr. Lopes — uma imagem da Primavera, deliciosamente lithographada. — O lapis d'este digno interprete de *Grévedon* é geralmente conhecido, e estimado quanto merece; não é mistér escrever aqui louvores, que de toda a parte se lhe tributa.

A Primavera do Sr. Lopes exprime um pensamento ineffavel de felicidade e esperança: — o artista, olhando para a sua obra, deve melhor que ninguem compreender aquelle sentimento.

PRISÃO DE LADRÕES.

(Carta.)

1654 *Sr. Redactor.* — Pelas incessantes e bem acertadas diligencias do juiz ordinario do concelho de Collares, o Sr. Antonio Cypriano Carreira, já se acham presos mais tres dos ladrões, que no logar do *Penedo* atacaram a casa da Sr.ª D. Umbelina Cecilia d'Oliveira (conforme veridicamente se relata no seu artigo 1600). Segundo informações mais exactas que as primeiras, a maior parte dos ladrões são do mesmo concelho; de Lisboa eram só cinco ou seis. Honra seja ao benemerito juiz, que assim vae livrando a parte sã dos habitantes de Collares do flagello de ladrões conhecidos, que em geral, fazem mais que roubar.

É muito de suppôr, que em Lisboa se tenham feito diligencias no mesmo sentido, pois as auctoridades competentes logo officiaram a S. Ex.ª o Sr. Governador Civil. De V. etc.

Collares 27 de abril de 1843.

SACRILEGIOS.

1655 A 26 do passado amanheceu a real capella da Lapa no Porto roubada no valor de 200$ réis, e prejudicada além d'isso em estragos de alfaias, paramentos, e quadros no de 1:000$ réis. Os ladrões, segundo preparos, que se acharam, haviam tencionado deitar fogo ao edificio; não constava que algum d'elles se achasse ainda preso.

A egreja de Cedofeita foi tambem tentada. Chegaram a fazer-lhe um rombo no telhado, mas o roubo não chegou a consumar-se.

MACROBIO.

(Carta.)

1656 *Sr. Redactor.* — Não havendo occorrido n'este concelho a meu cargo raridade, que mereça a honra de occupar algum espaço no seu interessantissimo periodico (e queira Deus não aconteça no artigo criminalidade) transmitto a V. um esboço da biographia de um macrobio, cujas circumstancias, tanto na longevidade, como na posição moral, são invejaveis. Francisco Pinto, natural da Quinta do Bobo, freguezia da Amendoeira, concelho de Cortiços, districto de Bragança, nasceu no anno de 1740; estudou primeiras lettras, e latim por algum tempo, com o fim de seguir a vida ecclesiastica, a que seus paes o destinavam. Não proseguiu e casou-se, perto dos 40 annos. Enviuvou tendo mais de 80, e procreou varios filhos, dos quaes existem quatro. Occupou-se exclusivamente no tracto d'agricultura, sendo sempre frugal, sobrio e até abstémio. A sua continencia foi notavel. Gosou e gosa de perfeita saude, e ainda lê sem óculos. As faculdades intellectuaes conserva-as no mesmo ponto, como sempre as teve no tempo da robustez. Foi sempre bom christão, e por premio de suas virtudes lhe concedeu a Providencia Divina uma familia, que o idolatra: eu o comparo com os patriarchas da lei antiga. Promette viver oito ou mais annos.

De V. etc.

O administrador do concelho
João José de Sá Machado.

Cortiços 15 de abril de 1843.

MAIS UMA LICÇÃO A PAES E MÃES.

1657 Uma senhora do Porto nos escreve — que recolhendo-se um sombreireiro e sua mulher para casa, na rua do Almada, n'aquella cidade, ouviram chorar desesperadamente um seu filhinho de anno e meio, que haviam deixado entregue a um rapaz, que na mesma casa aprendia o officio. O innocente jazia sobre uma cama, todo escaldado de agua a ferver. Um grande caldeirão, que ficára ao lume, estava entornado em parte; — o aprendiz não apparecia. — Conjecturou-se que involuntariamente lhe aconteceria, chegando-se ao caldeirão a mechel-o, ou a atiçar o lume, caír-lhe dos braços o pequenino, e não poder já tiral-o senão n'aquelle estado. Chamou-se medico, applicaram-se remedios; prolongou-se o martyrio á victima de tão desastrada imprevidencia até o dia seguinte, em que expirou. — «O vêl-o no seu caixãosinho, coroado de flôres» — diz a nossa correspondente — «apertava o coração, e dava vontade de o comer com beijos, mas o ouvir os gemidos do pae e da mãe dilacerava as entranhas.»

INJURIA ÁS FÉRAS.

1658 De Braga nos escreve o Sr. M. A. C. da Silva um caso tão atroz que mais parece dever ser attri-

buido a loucura phrenética do que a feridade premeditada.

Em uma quinta no districto de *Alijó* vivia um gallego, criado antigo, e casado com uma criada da casa. Tinham já um filho pequenino e estavam em vesperas de segundo. Amores novos do ingrato marido o traziam havia tempos erradío do serviço, enfastiado do recanto domestico, curto e secco nas respostas, e no trato desabrido. Recorreu a pobre casada á auctoridade do amo (de crer é que não seria sem primeiro malograr todo o poder das lagrimas, toda a eloquencia do soffrimento) e requereu-lhe o apartasse das occasiões que assim o traziam desatinado. Admoestado pelo patrão, nega, fraquêa, confessa, promette emenda: mas entra no quarto retirado do seu domicilio; acha a mulher com o filhinho ao cólo; fecha a porta, dá-lhe um tiro; — mata o filho; mata a mãe; e n'ella o segundo filho. Receoso talvez de que um mocinho da casa o denuncie, sacrifica ainda essa quarta victima; e para que o maleficio possa ser attribuido a outros brutos, corta os peitos á defuncta; abre as portas aos porcos para que venham cevar-se nas carnes dilaceradas.

D'alli saíu a passear na feira, passeou e conversou, e não se traíu. Tornado a casa, dá vozes de soccorro; acode-se; mostra — fingindo-se assombrado — a carniceria que o rodêa. Representa como póde o seu papel; mas suscita suspeitas, que mil circumstancias corroboram; — e é preso.

PADECENTE.

1659 A cidade de Bragança presenciou a 3 de abril pela primeira vez uma execução patibular. Ao terror da novidade accresceu a consternação geral e profunda, que em todos os moradores da terra infundiu a persuasão íntima de que o réu ía innocente. Assim o diziam os seus confessores, e mais padres, que no oratorio e trânsito lhe assistiram; assim o disse elle mesmo nas ultimas palavras, que nos degráus da forca se lhe perceberam — *adeus povo, adeus mundo, vou a morrer innocente; sirva-vos isto de exemplo.* — E assim finalmente o deixou elle proprio escripto na declaração que se vae ler: —

«José Jorge de Figueiredo padecente que estou para «ser enforcado, em honra do meu porte militar e ci«vil tenho a declarar o seguinte — digo não sei a «razão porque fui exauctorado das honras militares, «tendo eu sempre sido soldado fiel desde que assen«tei praça: andei no exercito da Hispanha até que «tive uma simples deserção, que pratiquei por temer «o castigo da certa coisa leve que falsamente me im«putaram, e tendo depois como desertor procurado vi«ver por casa de patrões no Alemtejo, sustentando«me do meu jornal de trabalhador de campo, e sol«dadas, fui exauctorado das dictas honras, tendo outros «commettido varias deserções roubos, e assassinios, «e morrem como militares e não como paisanos, como «aconteceu ha pouco em Chaves. Em honra do meu «porte civil e religioso confesso que sempre fui temen«te a Deos e ás justiças d'este mundo, e que a morte «que me impoem só m'a podiam impôr por eu andar a «servir quando desertor em casa de José Rebello de «Villa-boim ao pé de Elvas, que tendo este descon«fianças de que eu tinha amisade illicita com familia «de sua casa me levou enganado a casa do Regedor «da dicta Villa, ou administrador, e no em tanto man«dou outro seu amigo a convidar gente para me pren«derem, e eu que vi tal gente, e desconfiando que «me quizessem prender por desertor, cuidei em fugir, «e logo então o dicto Rebello gritou — agarrem esse, «que é José da Gama, homem a quem aquelle povo «imputava varios crimes como guerrilheiro, e assim «fui eu prêso dizendo que era o tal Gama, e logo «tractou o dicto Rebello de me imputar varios crimes «como a fuga dos presos de Almeida etc. etc. mas «infelizmente só póde arranjar testimunhas falsas que «me imputassem a morte porque vou a padecer inno«centemente, mas o meu sangue um dia pedirá jus«tiça no Divino Tribunal, visto que pelos homens sou «tão barbaramente condemnado, e por isso perdôo a «todos os que essa tramaram para que Deus me per«dôe, e agradeço a todo o povo de Bragança a parte «do sentimento que toma na minha morte, que só «Deus lh'o agradecerá espero das auctoridades que «esta minha confissão seja publica.»

«Campo de Sancto Antonio 3 de Abril de 1843. — *José Jorge.*

COMPLEXO DE MONSTRUOSAS RARIDADES.

1660 Na sessão da Relação de 7 do corrente se apresentou aos Juizes da 3.ª secção um aggravo de injusta pronuncia, que causou horror aos mesmos Juizes. Certo sujeito tinha uma filha, e quando estava justa a casar, na vespera das nupcias, sua propria mulher e mãe da esposada lh'a leva a um sitio retirado, e a apresenta á brutalidade do Pai degenerado, que abusa da infeliz!! No dia seguinte casou, e continuando o commercio incestuoso com seu Pae, o marido o soube, e querellou do sôgro: este o accomodou a dinheiro, e alcançando a desistencia da parte, aggravou da injusta pronuncia, dizendo — ¡ que era um crime particular!! a Relação, ¡ honra lhe seja feita! lhe denegou provimento. ¡ Está o Jury á espera d'elle!

(Periodico dos Pobres no Porto de 27 de Abril.)

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DO MEZ DE MARÇO DE 1843.

1661 Temperatura média das madrugadas 49.° F. (7½ R.) Dicta nas horas de maior calor 63.°,9 (14) — Dicta média do mez 56.°,5 (11) — Variação média da temperatura diurna 15.° (7) — Maior variação do calor diurno, em 15 do mez, 25.° (11) — Maior frio a 6 do mez 42.° (4.°,5) — Maior calor a 16, e 17 do mez 70.° (17) — Menor altura do barómetro a 21 do mez, 738,9 millimetros — Maior idem a 5 do mez, 765,1 — Média do mez 754,9, reduzidas á temperatura de 61.° F.

Ventos dominantes contados em meios dias. N,3 — NO,5 — O,9 — SO,24 — S,3 — NE,12 — SE,2 — B,4

Estado da athmosphéra — Dias claros 6 — claros e nuvens, 5 — cobertos, 5 — cobertos com alguns clarões, 3 — Chuva ou chuviscos 12 — Ventosos 15, inclusive 2 de tempestade — Trovoadas 2 — Nevoeiros 2 — de frio sensivel 5 — A chuva recolhida em todo mez foi de 95 millimetros, equivalente a 28 almudes por braça quadrada, ou pouco menos do triplo da que costuma caír em um mez regular.

As *quadras dominantes* foram cinco: a 1.ª de dois dias, em continuação á ultima quadra do mez antecedente, tépida, humida e chuvosa com ventos brandos do SO: a 2.ª de 6 dias frescos nas madrugadas e noites, ar humido, céu variavel, e pequenos ventos

ou bonanças: a 3.ª de 7 dias frios nas madrugadas e noites, e temperados nas horas meridianas, céu quasi sempre claro, ar secco, e ventos do N. a NE: a 4.ª de 3 dias muito tépidos, pouco humidos, com ameaços de trovoada, ventos variaveis e brandos do NE a SE, sol ardente, quando descobria, e ruido constante na barra: a 5.ª e ultima de 13 dias tépidos e humidos, chuvas quasi permanentes e copiosas, ventos mui rijos do SO, e O, com duas tempestades e duas trovoadas, caindo dois raios que não offenderam. — Segue-se pois que este mez decorreu tépido, muito chuvoso e ventoso.

Phenómenos notaveis — A 3 pela meia noite sentiu-se em Málaga, um forte e curto abalo de terra — Nos primeiros dias d'este mez houve terriveis furacões nos Appeninos, e paizes adjacentes, caindo ao mesmo tempo grande quantidade de neve nas montanhas contíguas a Roma, na mesma cidade, e em Napoles. — A 13 quéda de um aerolitho junto a Pau (na França), annunciando-se por um brilhante globo de fogo, que desceu verticalmente. — Na noite de 16 a cidade de Liverpool é sacudida por dois fortes tremores acompanhados de trovão subterrâneo, durando o primeiro 5 segundos, e 10 o immediato. — Este abalo foi geral e simultaneo em grande parte das costas do canal da Mancha, assim como nos districtos de Manchester, nas montanhas de Yorkshire, e nas ilhas de Guernesey. — A 19 e 20 em varias povoações da Beira, e na proximidade de Coimbra cairam abundantes chuvas de grosso graniso, tendo algumas pedras o volume de pequenas nozes. — As continuadas chuvas da 5.ª quadra produsiram fortes enchentes no Doiro e Mondego em 23, 24, e 30 do mez.

Additamento aos phenómenos notaveis d mez de fevereiro. — Em 6 uma grande tempestade açoita os mares do canal de Inglaterra, e ao mesmo tempo cae grande quantidade de neve na Gram Bretanha, França e Hollanda. — A 8 pelas 10 horas da manhã são abaladas por um terrivel tremor de terra quasi todas as ilhas *Antilhas*; porém a de *Guadeloupe* é theatro da mais horrivel catástrophe. A bella cidade de *Pointe-à-Pître* é totalmente destruida pelo tremor, ao qual succede um incendio geral, avultando os mortos e feridos a seis mil individuos. Outras povoações padecem eguaes estragos, avaliando-se as perdas em 14 milhões de crusados. Affirma-se terem rebentado tres novos volcões sobre as montanhas d'aquella ilha, e diversas fontes brotaram em logares aonde nunca existiram, repetindo-se o phenómeno de 1798 em que alli appareceu um novo volcão. A ilha *Antilha* experimentou a mesma catástrophe, perecendo muitos habitantes: o tremor fez estalar com horrivel estrondo um grande dique ou reservatorio que continha onze mil pipas de agua, e que pela sua capacidade egualava o vasto deposito que em Lisboa se acha situado ao Rato. A terrivel innundação deu morte a 40 pessoas. A esphera de actividade que abrangeu este memoravel terremoto, occupou uma superficie enorme, pois além da explosão que sacudio o grupo das *Antilhas*, foi sentido, inda que levemente, em *Charlestown* na Carolina do sul, a 500 legoas da *Guadaloupe*, e no mar abalou com violencia as embarcações que navegavam para a Europa, na distancia de duzentas legoas d'aquelle archipelago. — Em 13 sente-se um forte abalo de terra em alguns sitios da *Cantabria*, mas sem resultarem funestas consequencias. — A 16 pela meia noite desfecha sobre a ilha da *Madeira* um furioso tufão, que felismente só durou um minuto, mas apesar de tão curto praso causou muitos prejuisos nos edificios e arvoredos, aterrando os habitantes: o barómetro estava mui baixo, marcando 749,3 millimetros. Em *Lisboa*, n'aquelle praso reinavam fortissimas tempestades, e chuvas, indicando o barómetro 741,6. — Na madrugada de 27 para 28 juncto ao logar de *Cambrões*, a uma légoa de *Vizeu*, appareceu em terreno semeado, um grande boqueirão de 24 braças de comprido, 12 de largo, e 2 na maior profundidade, achando-se projectada a grande distancia a terra que alli faltava. — Julga-se ser produsida esta explosão pelos gases subterraneos, visto a proximidade em que se acha dos mananciaes sulphureos de *Alcafache*. — Em 28 um terrivel foracão causa grandes prejuisos na cidade e porto de *Barcellona*: n'este mesmo dia vio-se distinctamente em *Bolonha*, pelo meio dia, o planeta *Venus*, cercado de uma auréola, o que fez acreditar que era um grande cometa. — Em todo este mez estremeceram por oscillações subterraneas as provincias septemtrionaes da *Suecia*; porém felismente não causaram prejuisos — A *Suissa* oriental foi theatro dos maiores desastres, causados pelos repetidos desprendimentos dos enormes montões de neve *(avalanches)*. Um que rolou da montanha de *Brilhelod*, arrebatou em seu curso mais de um milheiro de formosos abétos, e destruiu duas casas. Este monte de gêlo de 200 braços de comprido tinha uma extraordinaria altura. Outra egual *avalanche* se precipitou do monte de *Glacernisch*, derribando diversos edificios, e obstruindo por algumas horas todas as fontes daquelles sitios. — Os *Estados Pontificios*, tambem soffreram fortissimas innundações, causadas pelas copiosas chuvas. O *Tibre* saindo do leito alagou uma terça parte da cidade de Roma. — São estes os principaes e terriveis phenómenos com que o mez de fevereiro assolou uma grande parte do nosso hemispherio, nos quaes *Portugal* teve avultado quinhão, experimentando a sua lavoira pelas duas innundações dos seus tres principaes rios, uma perda que excede a um milhão de crusados.

Necrologia de Lisboa e Belem. No mez de março foram sepultados nos tres cemiterios, 509 cadaveres, sendo 286 do sexo masculino, e 223 do feminino; maiores 338, e menores 171, do que se infere ter havido a notavel diminuição de 75 obitos sobre o medio normal d'este mez, dedusido das antecedentes observações, o que equival a septe e meio por cento.

—— *M. M. Franzini.*

ADVERTENCIA IMPORTANTE.

1662 À ultima hora se nos apresentam ponderosos motivos de suspeitar, que a desgraça da *Carruagem aéria de vapor* foi uma insípida fabula, mettida em alguns jornaes por tolos, ou por inimigos, ou por invejosos de Mr. Henson. O paquete que anciosamente esperamos aclarará toda a verdade.

ERRATA.

Pag. 404 — col. 2.ª — lin. 3 —

«n'el oro dá la dicha prestadme oro»

Léa-se

«si el oro dá la dicha prestadme oro.«

— E na linha 31 emvez de — pateada — *léa-se* — plateia,